

UM NOVO PATAMAR

***Roberto Rodrigues**

Com a tragédia da pandemia, o velho conceito da segurança alimentar ganhou um novo patamar. Nos 5 continentes as populações aprenderam que podem sobreviver sem comprar roupas novas, carros ou eletrodomésticos, mas não podem deixar de comprar alimentos. E isso deu um upgrade universal para as atividades rurais em termos de admiração e respeito. Todo mundo compreendeu que os produtores rurais não podem parar nunca. Precisam tirar leite todos os dias: as vacas não sabem se é feriado ou se há uma pandemia varrendo o planeta, e tem que ser ordenhadas. Na hora de plantar tem que plantar, ou cultivar, ou tratar de plantas e animais ou colher, em cada período do ano como manda a natureza. E abastecer, cumprindo o sagrado papel de preservar a vida.

Há um belo momento de admiração, respeito e até gratidão pelo trabalho no campo. Este reconhecimento deverá ter consequências interessantes para o futuro do agro no mundo.

Por um lado, governos se apressam em reexaminar políticas de apoio aos seus produtores rurais, na expectativa de que eles permaneçam ativos e assim garantam segurança alimentar aos consumidores.

Por outro lado, podem taxar suas exportações para evitar eventual falta de produtos à frente ou, ao contrário, criar mecanismos que inibam importações de terceiros países, exatamente para proteger seus camponeses da concorrência inevitável. E esse neo-protecionismo poderá interferir no comércio mundial agrícola, mesmo que isso ocorra ao arrepio da OMC.

Esses fenômenos estão logo aí à frente. Para compreendê-los e avaliar quais são as oportunidades e os riscos neles contidos, é fundamental estudar as medidas que estarão sendo adotadas pelos governos dos países que são nossos mercados ou nossos concorrentes e, a partir daí, traçar as estratégias necessárias para aproveitar umas e mitigar outras. O Ministério da Agricultura está atento a isso, bem como as modernas lideranças rurais brasileiras. E não há tempo a perder.

Até porque ficou evidente para os mercados que temos condições excepcionais e sustentáveis para atendê-los com produção agropecuária em quantidade e com qualidade adequada, isto é, podemos oferecer segurança alimentar e segurança do alimento. E isso traz outro tema à baila: a pandemia mostrou que os padrões sanitários no mundo estão abaixo da necessidade, e com certeza a régua dos controles sanitários vai subir. Pois também nisso o Brasil tem um modelo muito desenvolvido e eficiente, e pode mostrar ao mundo um invejável sistema de defesa sanitária, sobretudo nas indústrias de carnes e alimentos. Sempre existem aperfeiçoamentos para fazer, mas estamos bem nessa foto.

Resta completar a agenda para vencer as barreiras que eventualmente surgirem, e assim possamos alimentar os nossos 220 milhões de brasileiros e

outro bilhão de estrangeiros de mais de uma centena de países com nossos excedentes exportáveis.

Temos que abrir nosso mercado para países de todas as regiões. Somos produtores muito grandes e podemos servir ao mundo inteiro, não fazendo sentido restrições e esse ou aquele mercado, como se escuta, às vezes, em relação à China. No ano 2000, nosso agronegócio exportou 20 bilhões de dólares, e a China comprou 2,7% desse montante. Só 19 anos depois, em 2019 o agro exportou 97 bilhões de dólares, e a China ficou com 34% disso. Um crescimento espantoso, aquele mercado gigantesco deve ser respeitado e estimulado. E devemos partir para a busca de outros mercados na Ásia mesmo (Indonésia, Filipinas, Malásia), ampliando os que já temos lá (Japão, Coreia), no Oriente Médio, nos países árabes, na Índia, na África e na América Latina, mas sem perder jamais o mercado norte-americano e o da União Europeia, cujo acordo com o Mercosul deve ser agilizado.

Devemos investir muito mais em tecnologia, com ênfase para os temas da conectividade e digitalização, cuidar com rigor dobrado da sanidade, fazer as reformas legais que permitam parceria para investimento em infraestrutura. Precisamos desburocratizar processos arraigados para agilizar o desenvolvimento de setores como a irrigação, buscar capitais externos que estão disponíveis, promover uma real abertura da economia. E tudo revestido com a mais importante variável do futuro: sustentabilidade.

Se tivermos competência para fazer isso, o que passará até mesmo pela melhoria da governança institucional das nossas representações, o Brasil será o grande campeão mundial da segurança alimentar bem antes do que se imaginava.

*** Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve neste espaço todo segundo domingo do mês.**